

FICHA DE LEITURA A/Z

por F. Mendonça

LACERDA, ALBERTO (Ilha de Moçambique, 1929)

Alberto de Lacerda faz parte daquele grupo de escritores que embora nascidos em Moçambique cedo se radicaram na Europa. Contudo a sua obra poética sofre uma aproximação a Moçambique, talvez por influência da visita que em 1963 fez à sua terra natal, de onde partira com apenas 17 anos.

É dessa faceta que pretendemos dar conta com a selecção de poemas que aqui se apresentam.

Alberto de Lacerda dedicou-se durante anos ao jornalismo e produção radiofónica tendo trabalhado na BBC em Londres. Foi também leitor de português nas Universidades do Texas e de Boston. Reside nos Estados Unidos da América. Foi co-fundador e secretário em 1950 da revista portuguesa Távola Redonda.

L'ISLE JOYEUSE (A ilha alegre)

Ó festa de luz de mar tranquilo
De casas brancas dum branco rosa
Dum tempo antigo que aqui ficou

Ó ilha pura incandescente
Que me geraste três vezes mãe
Três vezes para mim sagrada
Por teres deuses tão variados
Por seres livre da liberdade
Que os deuses gregos orientais
Marcam a fogo um fogo alegre
Naqueles seres naquelas ilhas
Que eles nomeiam seus próprios filhos
Por motivos sobrenaturais

Ilha de Moçambique. 1,3/1963
Exílio, 1963

LAGO NIASSA

*Era um lago um lago imenso
Um mar um mar a primeira
Vez que eu via o mar*

*Recordo o som entre redondo
E ensurdecedor das vagas
(Autênticas) rebentando
Na praia recordo ainda
Recordo também a luz
Aquele sol vertical*

*Caindo caindo caindo
Pairando deixando em nós
A sensação de existirmos
Adormecidos despertos
Num mar morto mar vivíssimo
De calor calor calor*



*Metangula eis a terra
O nomo do posto (era isto
em 33 mais ou menos —
Lembras-te irmã mais velha?
Onde eu fui passar um mês
paradisiaco à beira
do lago Niassa onde vi
Onde tive a vez primeira
A sensação formidável
Da virginal maravilha
Do mar do mar que é meu pai
Minha mãe meu deus supremo
Meu filho irmão e amante
Minha pátria verdadeira
E meu túmulo se os deuses
Me renderem tão sublime
Prova do seu amor*

Exílio, 1963

EU VOU PARTIR

Eu vou partir Não indiques
A ninguém a maravilha
De partir assim sem nada
Sem sequer uma saudade

Eu vou partir Sou o vento
E não propriamente um homem
Por isso não sei chorar
A ausência nos meus dedos
Dos teus cabelos de fogo
Dos teus olhos dos teus dedos
Da tua voz dos teus lábios
Eu vou partir Vou sem lábios
Vou sem voz sem nenhuns dedos
Vou sem olhos nem cabelos
Eu vou partir Sou o vento
Antigamente era um homem
Vou inteiramente só

Exílio, 1963